

**O PÚBLICO E O PRIVADO: obras de referências modernas de
Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira.**

**EL PÚBLICO Y EL PRIVADO: obras de referencias modernas de
Camilo Porto de Oliveira y Alcyr Meira.**

**THE PUBLIC AND THE PRIVATE: modern references buildings of
Camilo Porto de Oliveira and Alcyr Meira.**

**CHAVES, Celma (1); LIMA, Rodrigo Augusto de (2); VIGGIANO, Laís (3)
FONSECA, Ana Clara (4); OLIVEIRA, Luciane (5).**

1. Doutora em Teoria e História da Arquitetura pela Universidad Politécnica da Cataluña (2005), FAU/
PPGAU-ITEC/UFPA.

Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
celma_chaves@hotmail.com
orcid.org/0000-0003-3437-3844

2. Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
rodrigoadelima10@gmail.com
orcid.org/0000-0002-2268-8788

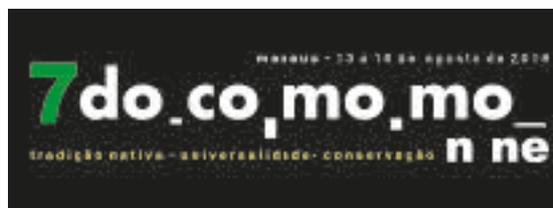
3. Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, PPGAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá.
laisviggiano@gmail.com
orcid.org/0000-0001-8600-2936

4. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, FAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá
fonsecanaclara@gmail.com
orcid.org/0000-0002-9078-2389

5. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, FAU-ITEC/UFPA.
Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Av. Augusto Correa, 1, Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá
luciane-so@hotmail.com
orcid.org/0000-0002-7178-3730

RESUMO

O processo de modernização da edificação institucional ocorrido nos anos 1930 mediante as políticas governamentais do governo de Getúlio Vargas, oportunizou a concepção de uma arquitetura que fosse



capaz de traduzir os ideais de progresso no Brasil (CAVALCANTI, 2006), seguindo assim até o período do regime militar. Em Belém, a modernidade seguiu-se com legislações municipais, como a lei 166 de 03 de novembro de 1943 e a lei 3450 de 06 de outubro de 1956, que permitiam a construção de edifícios em altura e a difusão da arquitetura residencial moderna por meio de referências estéticas e formais a partir de revistas, manuais técnicos e viagens (CHAVES, 2012); bem como a influência (ALBERTON, 2006) dos traços da arquitetura moderna brasileira. Neste cenário, destaca-se a atuação pioneira de engenheiros como Judah Levy, Laurindo Amorim, Camilo Porto de Oliveira e, posteriormente, Alcyr Meira na concepção e construção das obras de referências modernas pela cidade. O presente artigo pretende investigar as relações Estado-arquitetura e arquitetura-círculos sociais, demonstrando as potencialidades e particularidades projetuais dos engenheiros-arquitetos Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira nas esferas pública e privada, entre edifícios representativos e residências, buscando as relações políticas e sociais que os levaram ao êxito profissional na capital paraense. Por meio de levantamentos documental, bibliográfico, iconográfico e visitas às obras foi possível a análise de obras selecionadas e a identificação das características históricas, formais e estéticas das tipologias, que permitem a reafirmação dos arquitetos e suas colaborações para a arquitetura moderna na cidade de Belém.

Palavras-chave: Arquitetura moderna, Camilo Porto de Oliveira, Alcyr Meira, Belém.

RESUMEN

El proceso de modernización de la edificación institucional ocurrido en los años 1930 mediante las políticas gubernamentales del gobierno de Getúlio Vargas, oportunizó la concepción de una arquitectura que fuera capaz de traducir los ideales de progreso en Brasil (CAVALCANTI, 2006), siguiendo así hasta el período de los años gobiernos militares. En Belém, la modernidad siguió con legislaciones municipales, como la ley 166 de 03 de noviembre de 1943 y la ley 3450 de 06 de octubre de 1956, que permitían la construcción de edificios en altura y la difusión de la arquitectura residencial moderna por medio de referencias estéticas y formales a partir de revistas, manuales técnicos y viajes (CHAVES, 2012); así como la influencia (ALBERTON, 2006) de los rasgos de la arquitectura moderna brasileña. En este escenario, se destaca la actuación pionera de ingenieros como Judah Levy, Laurindo Amorim, Camilo Porto de Oliveira y posteriormente Alcyr Meira en la concepción y construcción de las obras de referencias modernas por la ciudad. El presente artículo pretende investigar las relaciones Estado-arquitectura y arquitectura-círculos sociales, demostrando las potencialidades y particularidades proyectuales de los ingenieros-arquitetos Camilo Porto de Oliveira y Alcyr Meira en las esferas pública y privada, entre edificios representativos y residencias, buscando las relaciones políticas y sociales que los llevaron al éxito profesional en la capital del estado de Pará. Por medio de levantamientos documental, bibliográfico, iconográfico y visitas a las obras fue posible el análisis de obras seleccionadas y la identificación de las características históricas, formales y estéticas de las tipologías, que permiten la reafirmación de los arquitectos y sus colaboraciones para la arquitectura moderna en la ciudad de Belém.

Palabras clave: Arquitectura moderna, Camilo Porto de Oliveira, Alcyr Meira, Belém.

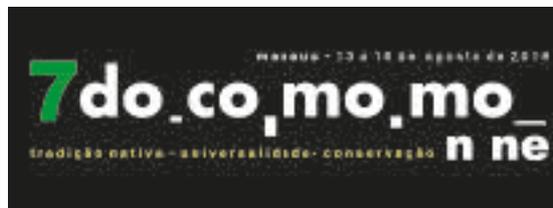
ABSTRACT

The process of modernization of the institutional edification occurred in the 1930s through the government policies of the Getúlio Vargas government, opportunized the conception of an architecture that was capable of translating the ideals of progress in Brazil (CAVALCANTI, 2006), thus continuing to period of the years military governments. In Belém, modernity continued with municipal legislations, such as Law 166 of November 3, 1943 and Law 3450 of October 6, 1956, which allowed the construction of high-rise buildings and the diffusion of modern residential architecture through aesthetic and formal references from magazines, technical manuals and trips (CHAVES, 2012); as well as the influence (ALBERTON, 2006) of the features of modern Brazilian architecture. In this scenario, outstanding is the pioneering performance of engineers such as Judah Levy, Laurindo Amorim, Camilo Porto de Oliveira and later Alcyr Meira in the conception and construction of works of modern references in the city. The present article intends to investigate the relations State-architecture and architecture-social circles, demonstrating the project potentialities and particularities of the engineers-architects Camilo Porto de Oliveira and Alcyr Meira in the public and private spheres, between representative buildings and residences, looking for relationships political and social factors that led to professional success in the capital of the state of Pará. By means of documentary, bibliographic, iconographic surveys and visits to the works, it was possible to analyze selected works and identify the historical, formal and aesthetic characteristics of the typologies,



which allow the reaffirmation of the architects and their collaborations for modern architecture in the city of Belém.

Keywords: Modern architecture, Camilo Porto de Oliveira, Alcyr Meira, Belém.



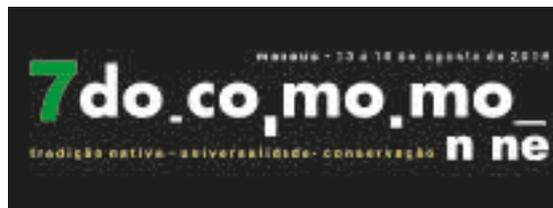
INTRODUÇÃO.

A partir da instauração do Estado Novo em 1937, apresenta-se a necessidade da construção da nova estrutura social emergente, oportunizando a concepção de uma arquitetura que fosse capaz de traduzir os ideais de progresso (CAVALCANTI, 2006). Amparadas por mudanças constitucionais, as políticas de modernização de Getúlio Vargas aproximaram arquitetura e o modernismo, e viabilizaram ações voltadas para a renovação nacional com a produção de uma arquitetura capaz de atender às demandas institucionais.

Em Belém, desde a administração do governador Magalhães Barata, durante o primeiro mandato de Vargas, à substituição por José Carneiro da Gama Malcher, observa-se o atendimento de diretrizes nacionais, seguindo uma demanda política e de grupos de profissionais. No entanto, em proporção diferente comparado ao eixo sul-sudeste, como afirma Chaves (2008):

A incipiente industrialização brasileira não chegaria a Belém até os anos sessenta, retardando e diferenciando assim as iniciativas modernizadoras de maior amplitude nos moldes que se verificavam em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Em Belém, estas se realizaram nas áreas centrais e nas de futuros investimentos imobiliárias. Nesse processo modernizador, se observa a valorização dos terrenos situados ao longo da Avenida 15 de Agosto principal eixo do crescimento em altura e de onde se expande para os bairros fronteiriços. (CHAVES, 2008, p. 146)

O processo de modernidade traduzida no crescimento vertical observado em Belém a partir do final da década de 40, foi resultado de uma série de fatores, entre eles a elaboração do decreto-lei nº 166 de autoria do arquiteto Jerônimo Cavalcanti, designado prefeito de Belém em 1943 por Magalhães Barata (CHAVES, 2013), bem como da lei nº 3450 de 1956 de incentivo à verticalização, que estabeleciam números mínimos de pavimentos para os centros da cidade, em especial à Avenida 15 de Agosto – de 12 pavimentos, posteriormente Avenida Presidente Vargas. As implicações das construções verticais resultaram na valorização do solo urbano, apesar da pouca vitalidade econômica regional (DERENJI, 2001). Em contrapartida, as obras públicas



fomentadas pelo esforço de modernização foram possíveis por meio dos recursos do poder central.

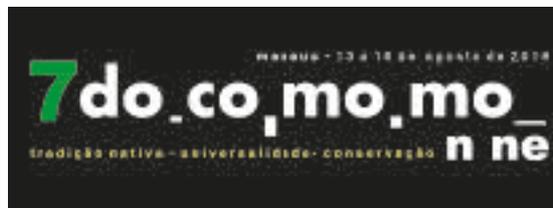
Essas aspirações progressistas do Estado, desde a Era Vargas nos anos 1930 e seguindo até os governos militares nos meados dos anos 1980, propuseram um cenário favorável para o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil com grandes obras públicas, edifícios e de infraestrutura, muitas vezes utilizadas como marcos de seus governos. Esta *nova* arquitetura teve, segundo Alberton (2006), a *influência* do organicismo de Frank Lloyd Wright e do racionalismo de Le Corbusier. Após sua primeira visita ao Brasil em 1929, a arquitetura de Le Corbusier aproximou-se da arquitetura produzida no Brasil, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, possibilitando uma expressiva produção arquitetônica que repercutiu em todo o país, influenciando mais profissionais a buscarem uma linguagem moderna de projeto, e reafirmado por Bastos:

[...] cabe apontar a influência que o aspecto formal das obras de Artigas e Niemeyer exerceram sobre muitos arquitetos. Essa influência estava aliada a ideia de que as formulações espaciais já estavam prontas para abrigar um mundo mais humano, dada sua origem progressista, sendo os entraves à arquitetura superestruturais, externos a disciplina (BASTOS, 2003, p. 43)

Este ímpeto de modernização reafirmado pela construção de Brasília (1960) produziu efeitos diversos nas cidades brasileiras dado o contexto local. A fundação da Faculdade de Arquitetura na Universidade Federal do Pará (1964) pelo grupo de engenheiros que preconizava, principalmente desde 1940, em seus projetos os ideais modernos, foi essencial para a intensificação da produção arquitetônica moderna em Belém.

A INFLUÊNCIA E DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM BELÉM.

A produção arquitetônica ao longo do período estudado dos 1950 e 1980, é fruto das relações entre a Arquitetura e o Estado e entre a Arquitetura e os círculos sociais. Essas relações apresentam-se como meios da arquitetura moderna brasileira a recepção e a *difusão de ideias*, apontada por Chaves (2012;2016) sendo derivada da interpretação dos profissionais, engenheiros e/ou arquitetos, presentes na cidade de Belém, representados neste estudo por Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira. Desta maneira, os profissionais traziam materialmente o desejo de produzir algo próprio traduzido dos

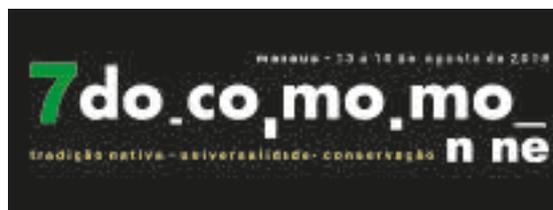


anseios de seus clientes, além de regionalizar a arquitetura produzida, como por exemplo, por meio de dispositivos que potencializassem a ventilação; que evitassem a umidade, elevando o piso do solo; bem como utilizando materiais locais como pedras, tijolos e madeiras mais adequados ao clima (CHAVES, 2016). Estes profissionais contribuíram “para a difusão de uma maneira própria e regional de produzir a arquitetura nesta parte da Amazônia brasileira (CHAVES, 2012, p.6)”.

Os círculos sociais destinatários das obras nos anos 1950 e 1960 – entre a construção dos primeiros bangalôs modernizados, as incursões de Camilo Porto em atualizar a arquitetura residencial com o projeto das casas “Moura Ribeiro”(1949) e “Belisário Dias” (1954), e as edificações públicas e privadas que iniciam a modernização da principal avenida da cidade na década de 1930 – são os referenciais que ampliam as perspectivas de uma cidade moderna, sob novos modos de *difusão das ideias* por meio de catálogos, as revistas e as experiências precedentes (CHAVES, 2012). Contribuíram para um momento de expectativas de grupos sociais, culturais e políticos em busca da modernidade, no que nota Lima e Chaves:

Desta forma, estes grupos sociais vindos da elite tradicional remanescente da época da borracha e da nova burguesia, comerciantes e profissionais liberais, em Belém se utilizaram desta estética em suas casas modernas para sua legitimação perante a sociedade local, produzindo um significativo número de exemplares de referências modernas na cidade (LIMA; CHAVES, 2008, p.7).

A difusão das ideias na arquitetura moderna apresentava-se também nos projetos instrucionais, cujo marco fundacional dessa relação com o Estado foi o MES (1937-1945), depois MASP (1957) e o MAM (1957), sob a *influência* de inúmeras concepções estruturais e de materiais que dominou como um *modelo* dessas tipologias (BASTOS, 2003). Deste modo, o concreto aparente se tornou um marco estético e estrutural dos edifícios institucionais, a exemplo do brutalismo observado no projeto da FAU-USP (1961) de autoria de Vilanova Artigas e Cascaldi. Assim, “até o final dos anos de 1970, parte do pensamento arquitetônico nacional era dominado pela noção de uma evolução cronológica dentro de uma continuidade na arquitetura moderna



brasileira (BASTOS, 2003, p.45)”, fazendo com que este modelo tecnocrata repercutisse ainda nos anos 1980 apesar das críticas, pontua Bastos:

Uma visão mais crítica à corrente predominante da arquitetura brasileira produzida nesse foi sendo reiterada ao longo dos anos 1980, quando essa produção passou a ser vista como uma arquitetura que se distanciou do homem, do ambiente, presa num receituário ideológico formal, que foi se tornando estéril (BASTOS, 2003, p.45)

A presença do modelo estrutural-estético aparece nas obras institucionais deste período na cidade de Belém, e é possível observa-la nos edifícios projetados pelo engenheiro-arquiteto Alcyr Meira de importante engajamento no círculo político, o que possibilitou a viabilização de projetos arquitetônicos com viés moderno e regional, representados, por exemplo, no uso de materiais locais e sistema de ventilação de forro. Características como essas podem ser observadas no Campus da Universidade Federal do Pará (1966), no edifício da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SEMAS (década de 70) e no Edifício-Sede da Procuradoria da República (1981) (SOARES; CHAVES, 2018).

Destacam-se a habilidade e a capacidade dos engenheiros-arquitetos Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira para absorver e representar a difusão de ideias da arquitetura moderna, adequando-a ao seu local de implantação.

CAMILLO SÁ E SOUZA PORTO DE OLIVEIRA

Natural de Belém, nascido em 1923, Camilo Sá e Souza Porto de Oliveira graduou-se engenheiro em 1946 pela Escola de Engenharia de Pará e como arquiteto em 1966, no curso de arquitetura do qual foi um dos fundadores, encarregado pelo então reitor da Universidade Federal do Pará, José da Silveira Netto.

No contexto arquitetônico paraense, o engenheiro introduziu as inovações da arquitetura moderna brasileira em Belém, no entanto, como outros profissionais do mesmo período, Porto de Oliveira inicia sua trajetória arquitetônica com os bangalôs, de acordo com a demanda e modo de vida da sociedade belenense vigente. No entanto, segundo Chaves (2008), com a Revolução de 1930 e seu processo de modernização e desenvolvimentismo, houve melhora na realidade econômica de uma parcela da



população e ocorrência de novos grupos sociais, constituídos por profissionais liberais em ascensão, com isso, a produção do espaço passou a adquirir novas representações e composições. Fato fundamental para a produção do então engenheiro Camilo Porto.

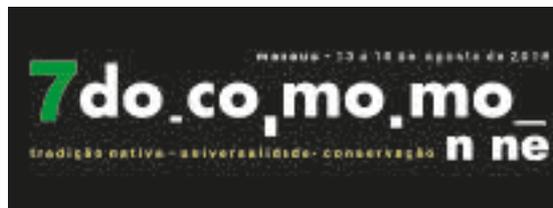
Com a mudança econômica, novos hábitos foram desenvolvidos, e o arquiteto encontra nas famílias de maior poder aquisitivo oportunidade para projetar residências de cunho moderno, influenciado pelas revistas e viagens frequentes realizadas para o eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Em 1949, Porto de Oliveira projeta a residência “Moura Ribeiro”, provavelmente a primeira obra com características modernas claras.

Com tal projeto, Camilo Porto de Oliveira promove uma renovação construtiva na cidade a se destacar devido às soluções formais e peculiar plasticidade de suas obras. Em trecho de entrevista publicada na tese da professora Celma Chaves, Camilo Porto comenta suas influências, além das revistas e catálogos de arquitetura que o proporcionaram ferramentas de projeto e repertório, posteriormente executado em larga escala durante a década de 1950 e 1960 em seus projetos arquitetônicos, dentro e fora da capital paraense. Em entrevista:

"A magia do LC foi ser o primeiro reformista que apareceu ... Eu não gosto do Niemeyer como pessoa porque ele é comunista. Mas ele é um grande escultor de formas, tanto que as obras dele são muito condenadas funcionalmente(...) Tinha o Vilanova Artigas, um grande arquiteto paulista. O Bratke também(...)"(C. Porto *apud* Chaves, 2004, p.48)

"Os professores achavam que eu não devia seguir o Niemeyer... na realidade não seguia. Na verdade, intencionalmente a gente era levado a uma evolução (...) Eu passei isso (o curso de Arquitetura) e praticamente não mudou a minha carreira(...)" (C.Porto *apud* Chaves, 2004, p.48)

Desde então os projetos do engenheiro passaram a ser o principal modelo seguido pelos novos círculos sociais vigentes na cidade, aumentando sua demanda por serviços projetuais em 1954, projeta a residência “Belisário Dias” (1954), segundo Chaves (2008) para um companheiro de colégio, depois presidente do DER, instituição que encarregará seu único projeto público. Na obra utilizou as possibilidades plásticas do concreto armado em um jogo plástico das vigas curvas. Marcando assim o espaço profissional conquistado por Camilo entre a população que aceitava e se identificava



com as inovações introduzidas por ele. Atualizações que correspondem aos propósitos construtivos de converter o espaço residencial em uma expressão relacionada aos novos hábitos da classe em ascensão, e externamente atraente ao observador.

Na segunda metade da década de 50, entre 1957 e 1959, motivado pelas políticas do então presidente Juscelino Kubitschek e a administração municipal em Belém que aspiravam inovações, ocorreu em Belém a construção do edifício Affonso Freire, antigo departamento de estradas e rodagem do Pará (DER-PA) atual sede da secretaria de transportes do Pará (SETRAN-PA).

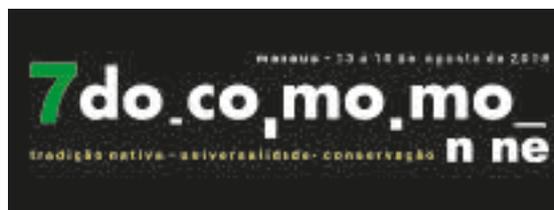
De autoria de Camilo Porto, então engenheiro do órgão e conforme citado por Carvalho (2013), o engenheiro materializou em Belém um prédio com intuito de concentrar as atividades do órgão objetivando maior funcionalidade e eficiência ao órgão público. Em entrevista sobre o edifício:

"(...) nunca fiz urna propaganda de jornal, nunca construí nada pro governo, a não ser o Setran, o antigo DER, fui requisitado pelo diretor do DER, eu era engenheiro das obras públicas do Estado, e o diretor me requisitou do governador para passar pro DER para fazer o projeto (...)" (C. Porto *apud* Chaves, 2004, p.50)

Com repertório projetual de grande relevância na paisagem urbana da capital paraense, assim como o processo de transformação e amadurecimento profissional durante sua atuação profissional, Camilo Porto de Oliveira nos abre pretexto para investigação de sua linguagem e concepção arquitetônica, em um estudo aprofundado e no processo de salvaguarda de seu acervo. Partindo de plano de análise baseado no livro *“El proyecto moderno. Pautas de investigación”*, de Cristina Gastón e Teresa Rovira (2007), selecionamos duas obras de relevância profissional do arquiteto, a residência “Belisário Dias” (1954) e o edifício institucional “Affonso Freire” (1959).

RESIDÊNCIA “BELISÁRIO DIAS” (1954)

Projetada por Camilo Porto em 1954, a construção é localizada em Belém, Pará, no bairro do Marco, no encontro da Av. Almirante Barroso com a Travessa Vileta, o que proporciona a essa residência duas fachadas igualmente importantes visualmente.



Originalmente concebida com a função residencial, atualmente, em 2018, encontra-se destinada a uma clínica oncológica, apresentando mudança relativamente constante de função e proprietário temporário.

Terreno e Entorno



Figura 1: Mapeamento de entorno urbano residência “Belisário Dias”

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA) - 2018

O edifício está localizado em terreno do chamado terceiro “eixos” de modernização, bairros visados pelo poder público como “potencializadores” da modernização, terrenos de amplas dimensões, como no caso da residência “Belisário Dias” medindo aproximadamente 1220m², retangular, inserido em um contexto distinto aos ofertados no centro da cidade. Proporcionando melhor aplicação das características modernas, além de maior liberdade projetual, levando ao processo de monumentalização da obra, característica projetual de Camilo Porto.

Programa e Planta arquitetônica.

Projetado para fim residencial, a disposição da planta apresenta forma de “L”, abraçando o pequeno lago artificial e a partir dos redesenhos, é possível notar que os ambientes no pavimento térreo estão conectados praticamente sem ambientes de circulação, adotando a forma justaposta, onde localizamos o setor social, com salas de jantar e de estar conjugadas proporcionando fluidez aos ambientes, além de representar

mudanças tipológicas no processo projetual de Camilo Porto. O setor íntimo apresenta-se no piso superior da residência, acessado pela área social. Novamente, com a adoção da forma justaposta, prevalecendo conexões diretas de um ambiente para outro.

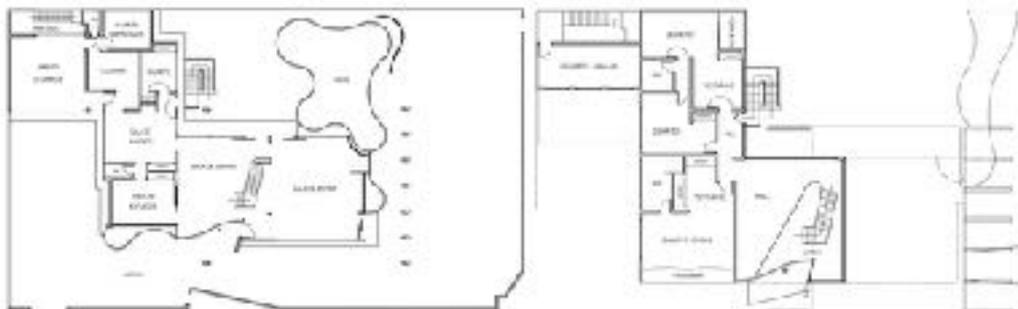


Figura 2: Planta baixa térrea e superior da residência “Belisário Dias”
Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA)

Tectônica



Figura 3: Redesenho da fachada lateral direita da residência “Belisário Dias”
Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA)

Nesta, Camilo Porto faz uso das possibilidades plásticas do concreto armado, com um jogo plástico das vigas em curvatura, combinados com a marquise inclinada, penetra no espaço interior, se prolonga e emoldura as duas fachadas. Identifica-se intenso primor formal nessa residência, com uso de transparências e presença de lago artificial e jardim, além de grandes aberturas para ventilação natural, a casa ainda conta com pequenos *brises soleil* retos e ondulados.



Figura 4: Fachada principal da residência “Belisário Dias”
Fonte: Benielton Gomes, Luiz Otávio Bastos e Edlon Correa (2018)

Volumetria

Na fachada principal, Camilo Porto opta por linhas curvas e retas, assim como espaços vazios; na fachada secundária projeta grandes aberturas para ventilação natural, característica frequentemente presente nos projetos do arquiteto. Na cobertura integra telhado curvo, em “V” e de uma queda, solucionando seus desejos formais e agregando coerência ao projeto.

O arquiteto implanta o prédio parcialmente livre no lote, apenas a fachada lateral esquerda e posterior encontram-se no limite do terreno, envolto por um jardim nas áreas livres frontal e lateral esquerda, evidenciando visualmente as duas fachadas principais (1 e 2), representando a ideia de monumentalização, observada nas obras de Camilo Porto, aplicadas em outros projetos seus, como no edifício Affonso Freire (1957).

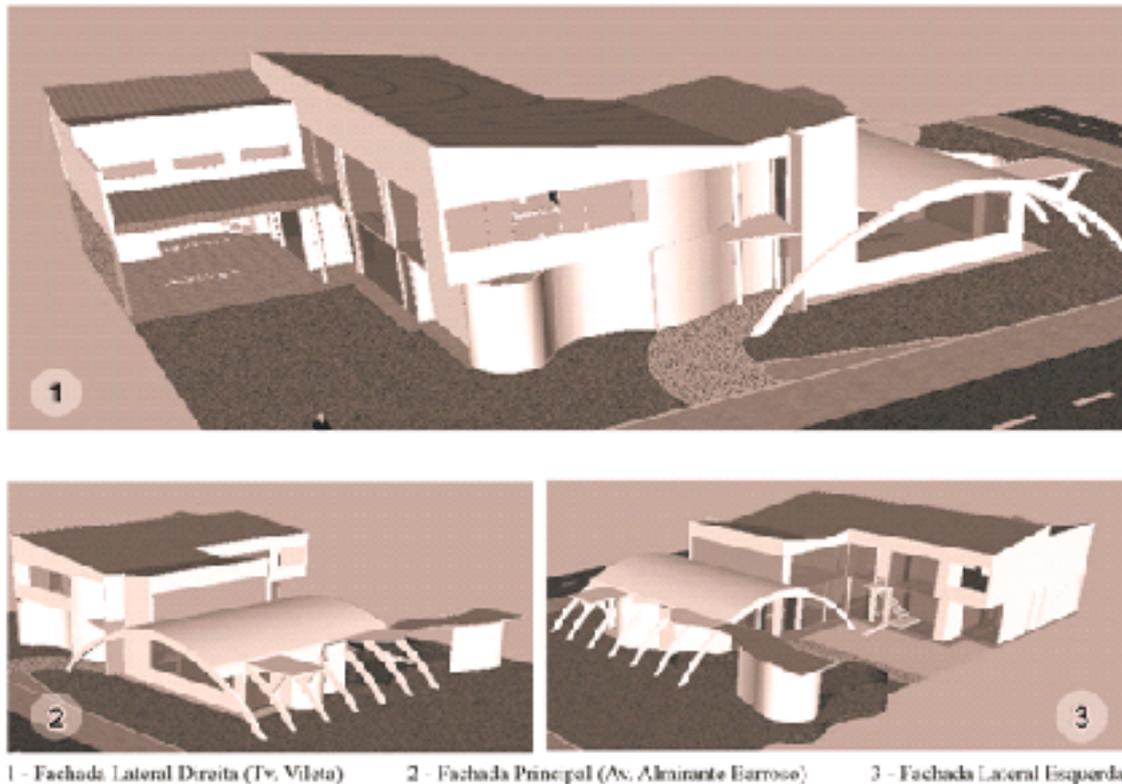


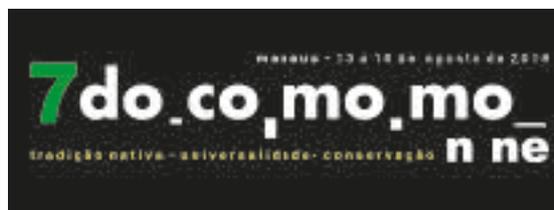
Figura 4: Volumetria eletrônica da residência “Belisário Dias”
Fonte: Beniilton Gomes, Luiz Otávio Bastos e Edlon Correa (2018)

EDIFÍCIO INSTITUCIONAL “AFFONSO FREIRE” (1957)

O plano de modernização das instituições públicas gerou obras em todo o Brasil. Em Belém, os edifícios institucionais no período de 1940 a 1970 modernizaram seus edifícios-sede seguindo as diretrizes federais do período, adotando a arquitetura moderna como base, como é o caso da sede do Departamento de Estradas de Rodagem do Pará (DER/PA), atual SETRAN. Segawa (2010) apud Carvalho (2013) escreve que:

Essa categoria arquitetônica deve ser compreendida como uma teia de valores constituídos na escala nacional, em que a arquitetura institucional contribuiu para a consolidação do moderno com características locais. (CARVALHO, 2013, p.28)

Projetado por Camilo Porto em 1957, a edificação representa a única atuação do arquiteto em projetos institucionais, com uma arquitetura de referências a Oscar Niemeyer, com particularidades do repertório do arquiteto. Comentando a obra, Camilo diz:



(...) Foi o único projeto público que eu fiz...recusei a diretoria do DER, recusei a secretaria de obras do estado que eu tinha um primo que "mandava do Barata" que era o governador, queria que eu fosse diretor lá e eu não aceitei sai rico e ninguém pode dizer que eu tinha roubado isso assim de ninguém, se eu fosse diretor de alguma coisa iam dizer que eu tinha usufruído alguma coisa. " (C. Porto *apud* Chaves, 2004, p.50)

Terreno e Entorno

Localizado assim como a residência “Belisário Dias” no chamado terceiro eixo de modernização, movido pela construção de estradas e pelo desenvolvimento urbano, nesta área a arquitetura moderna encontrou maior liberdade compositiva, devido aos terrenos de dimensões mais generosas. Situado ao longo da atual Avenida Almirante Barroso, antiga Tito Franco, no bairro Souza em Belém do Pará.

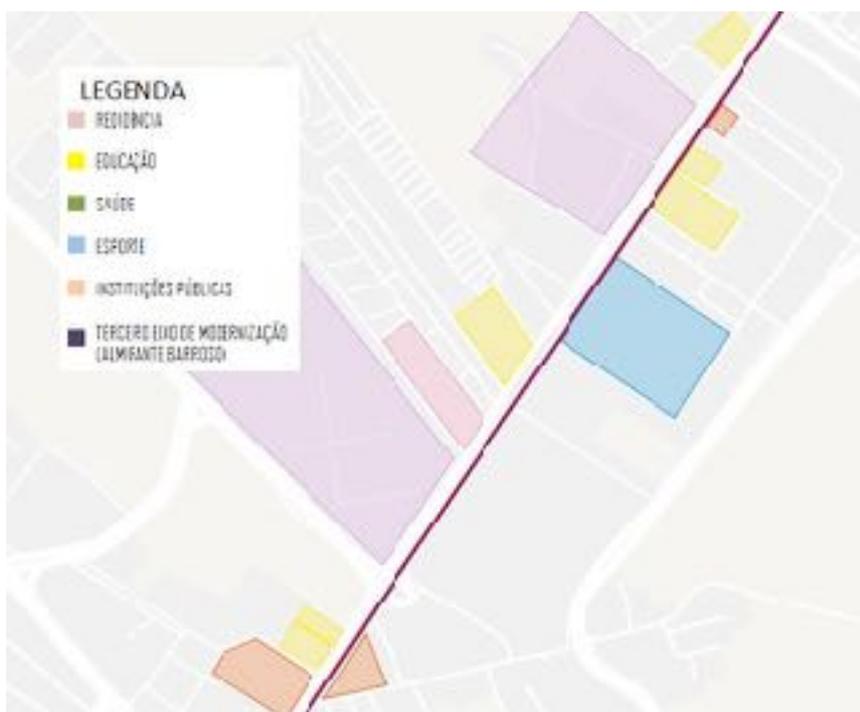


Figura 5: Mapeamento de entorno urbano edifício “Afonso Freire”
Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA)

Programa e Planta Arquitetônica.

A edificação apresenta três pavimentos. No térreo está situado a área operacional de laboratórios e o setor alimentício; no primeiro pavimento localiza-se o setor

operacional, enquanto no segundo pavimento temos a diretoria, áreas de exposição e biblioteca. Nesta setorização o arquiteto escalonou os setores conforme a frequência de visitantes, prezando pela harmonia e funcionalidade do prédio, assim como aplicando racionalidade, características emblemáticas da arquitetura moderna.



Figura 6: Planta térrea e superior do edifício “Affonso Freire”

Fonte: Brenda Barroso, Érika Evangelista, George Lima e Leticia Vicente (2018)

Projeta uma rampa na lateral direita do prédio, atendendo a necessidade de acessibilidade, uma escada no centro do edifício, ambas com acesso à pontos distintos do corredor central. Nota-se a presença de pilotis internos aparentes ao longo dos corredores centrais dos pavimentos, evidenciando a estrutura. A partir da última característica citada, ainda nesta circulação central, o arquiteto, atendendo a demanda por iluminação natural e ventilação cruzada ao longo de todo edifício específica no limite entre forro e vedação esquadrias com fechamento em vidro.

Outra característica importante do projeto de Camilo Porto está representada pelo destacamento do edifício em relação ao terreno, o envolvendo por um projeto paisagístico, promovendo a apreciação da sociedade à edificação, valorizando seu projeto no contexto construtivo local a época.

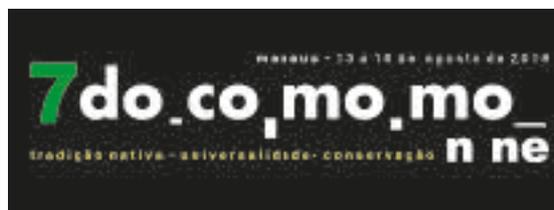


Figura 7: Implantação do edifício “Affonso Freire”

Fonte: Brenda Barroso, Érika Evangelista, George Lima e Leticia Vicente (2018)

Tectônica

O edifício apresenta como modelo de tectônica moderna a estrutura “Dominó” de Le Corbusier, um sistema construtivo desenvolvido na década de 1910, constituído por lajes planas, pilares e fundações em concreto armado, ocasionando uma ordem racional dos elementos, visando o emprego de atributos formais modernos aos edifícios. O sistema utiliza de comunicações através de escadas, além do desenvolvimento das fachadas livres, devido os recuos dos pilares estruturais.

Os principais elementos da composição são elementos vazados, rampa, pilotis, *brises*, janelas em fita, fachada livre e planta livre, aplicando no projeto quatro dos cinco pontos da nova arquitetura, descritos na revista francesa concebida e editada por Le Corbusier e Amédée Ozenfant, *L’Esprit Nouveau*, Le Corbusier m 1921.

Como materiais empregados, os principais são: pastilhas, presentes no mural externo da edificação de autoria do também arquiteto Alcyr Meira, além das janelas de vidro e o concreto armado, material responsável pela possibilidade de produção das formas ondulada selecionado pelo arquiteto para a obra.

Volumetria

Em questões formais, o edifício de Camilo Porto apresenta volumetria ondulada, transpassando a leveza de sua fachada e organicidade das formas, assim como quebrando os ângulos retos presentes na maioria dos prédios construídos até o momento, aplicando o racionalismo e o funcionalismo, visando integrar o projeto com o entorno e a paisagem. Desse modo, apresenta referências da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, fundada em 1954, com projeto inicial de Oscar Niemeyer e o edifício Copan, emblemático na cidade de São Paulo, de autoria do mesmo arquiteto, concebido em 1954, porém construído entre 1957 e 1966.

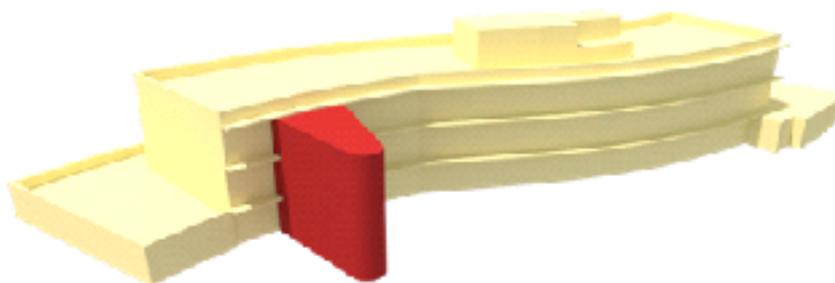
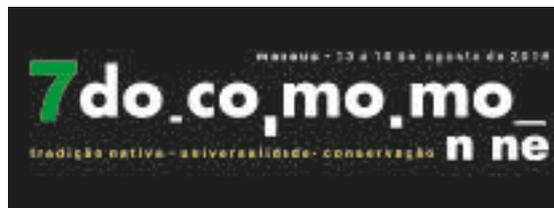


Figura 8: Maquete eletrônica do edifício “Affonso Freire”
Fonte: Brenda Barroso, Érika Evangelista, George Lima e Leticia Vicente (2018)

Aplicou-se cobertura em quatro águas na maior parte do edifício, e com uma água na lateral, especificando material frequentemente utilizado na época, a telha de fibrocimento. A fachada é revestida de esquadrias, o que possibilita ampla iluminação natural nas salas e corredores, bem como integra visualmente o interior e o exterior. O edifício inova na época em que se constrói, atuando como um marco da arquitetura modernista na capital paraense.

ALCYR BÓRIS DE SOUZA MEIRA

Alcyr Bóris de Souza Meira, natural de Belém do Pará, nasceu no ano de 1934. Possui graduação em Engenharia pela Escola de Engenharia do Estado do Pará (1956) e graduou-se em Arquitetura e Urbanismo (1966) (SOARES; CHAVES, 2018). Formou-se junto com outros engenheiros locais na primeira turma de arquitetura da



Universidade Federal do Pará (1964-66), fazendo parte da turma especial de adaptação para engenheiros.

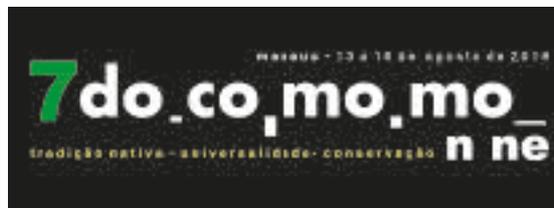
A partir da década de 1940, Camillo Porto se consolidou no mercado privado ao projetar para uma parcela da sociedade composta por comerciantes e profissionais liberais em ascensão que aspirava à modernidade (CHAVES; DIAS, 2016).

O poder público que entendia as construções modernizadas como símbolos de sua representatividade e legitimidade, também passa a incentivar esse tipo de produção, num esforço conjunto entre os grupos sociais e a institucionalidade produzindo um desejo comum pelo “novo e moderno”, no qual técnica, funcionalidade, localização privilegiada e novas espacialidades, compunham esse cenário da “Belém modernista”. (CHAVES; DIAS, 2016)

Dessa forma, “o contexto urbano que Alcyr Meira encontrou em Belém, foi de uma cidade com traços urbanos modernizadores e com repertório de obras modernas ainda em desenvolvimento, porém existente” (SOARES; CHAVES, 2018).

Os dez anos em que Meira atuou como engenheiro não limitaram sua prática projetual, o conjunto de obras de Alcyr Meira é permeado por projetos institucionais públicos e por projetos privados. Neste estudo serão analisados um exemplar de cada tipo: a Residência Alcyr Meira (1960) e o edifício sede do SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados) em Belém (1982).

No círculo social belenense, a família Meira esteve à frente das carreiras jurídica e política. Representados pelo patriarca, o advogado José Augusto Meira Dantas, deputado federal pelo Pará em 1950; seguido de seu filho Octávio Augusto de Bastos Meira, advogado, deputado estadual entre 1934 e 1937 e interventor do Estado em 1946; e por sua vez, seu neto Paulo Rúbio de Souza Meira, único irmão de Alcyr Meira, advogado que continuou a tradição familiar advocatícia estando à frente do escritório fundado por seu pai (SOARES; CHAVES, 2018). Alcyr Meira optou pelo curso de engenharia devido à viabilidade de atuação em projetos de arquitetura. Atualmente, além de desenvolver esses projetos, Meira também é presidente da Academia Paraense de Letras.

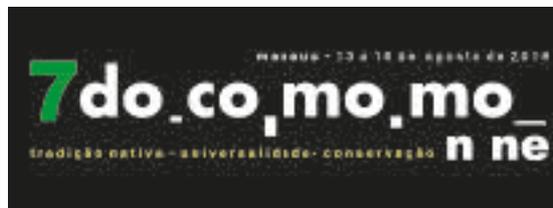


A trajetória de Alcyr foi guiada por suas primeiras oportunidades profissionais. Em 1958, dois anos após sua primeira graduação, Meira assumiu o cargo de engenheiro no Departamento de Planejamento e Obras da Universidade Federal do Pará (UFPA), ainda quando a Universidade era constituída por escolas e faculdades esparsas no solo urbano, característica vigente no Brasil até então. As primeiras articulações para a construção do campus universitário da UFPA começaram em 1963, ganhando força nos anos seguintes com as legislações nacionais modernizadoras no setor educacional, característica do governo militar vigente (SOARES; CHAVES, 2018).

Uma vez vinculado à instituição, foi direcionado a participar do comitê do programa MEC/BID, uma aliança entre o Ministério de Educação e Cultura do Brasil e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Esse programa proporcionou a capacitação de profissionais para a constituição de campus universitários no Brasil sob a orientação de uma equipe estadunidense (SOARES; CHAVES, 2018). O convite foi viabilizado pelo cargo institucional ocupado pelo engenheiro Alcyr Meira, bem como pela presença de Jarbas Passarinho, ex-governador do estado do Pará, enquanto ministro da Educação e Cultura (1969 a 1974).

Convocado a fazer parte da comissão de consultoria do programa MEC/BID, Meira passou a projetar e avaliar campus universitários federais devido à sua experiência profissional forjada em espaços físicos universitários. Conforme relatado pelo arquiteto, os projetos institucionais eram contratados pelos órgãos responsáveis segundo critérios internos, como por exemplo, o portfólio projetual, não havendo processo licitatório ou concorrências.

O círculo social em que o arquiteto Alcyr Meira estava inserido permitia que ele dialogasse tanto com os profissionais liberais – que foram os financiadores pioneiros da arquitetura moderna em Belém a partir da década de 1930, intensificando-se na década seguinte com as obras de Camillo Porto (CHAVES; DIAS, 2016) – como com o Estado.



Meira relata que seu repertório foi formado ainda enquanto acadêmico de engenharia, uma vez que importava livros e revistas de arquitetura para Belém. Destaca que sua influência primeira se dá por meio desses estudos, já as viagens foram orientadas segundo o que ele havia estudado posteriormente:

Nós, que tínhamos a cabeça de arquiteto, Camillo, eu, o Monte, La Roque Soares, era um grupo que gostava de fazer arquitetura, mas não era arquiteto. Eu lia muito, gostava da coisa. Desde menino que eu comprava alguns livros que mandava buscar em Paris. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, a melhor revista do mundo de arquitetura, todo mês chegava para mim, eu lia tudo aquilo. Eu sempre tive a cabeça de arquiteto. Esse grupo era todo voltado para arquitetura, quando fizemos o curso [de arquitetura] os professores diziam que nós já eramos arquitetos, mas não éramos, ainda não tínhamos o diploma. [...]

No meu caso não era nem por viagem, porque eu só fui viajar para o exterior no ano em que me formei, era mais porque eu lia muito. Eu aprendi a falar inglês e francês muito cedo, um pouco de italiano, então eu importava tudo o que tinha de livro e de revista sobre arquitetura, eu importava e lia tudo. Então eu comecei a desenvolver uma criatividade não porque eu viajei, mas porque eu li muito. Quando eu fui viajar foi para identificar o que eu já conhecia.¹

A arquitetura de Meira tem como características o uso de sistemas estruturais de concreto armado; setorização de ambientes; telhados escondidos com telha em fibrocimento; uso de esquadrias de vidro, ora com estrutura metálica, ora com estrutura em madeira sem pintura; planta aberta; e critérios de conforto ambiental como orientação solar, iluminação e ventilação natural, bem como o uso dos afastamentos da edificação no lote e sua articulação com áreas de vegetação, como será visto com maiores detalhes nos projetos a seguir, que seguirão ~~em~~ a estrutura de análise de Gastón & Rovira (2007).

RESIDÊNCIA DO ARQUITETO ALCYR MEIRA (1960)

¹ Entrevista concedida à Laís Viggiano no dia 14 de junho de 2018.



Figure 1 - Arquiteto Alcyr Meira em frente à sua casa, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

A casa do arquiteto Alcyr Meira foi projetada na década de 1960, faz parte de um loteamento residencial no bairro nobre de Nazaré, tradicionalmente edificado por prédios de características ecléticas. O terreno do loteamento em questão havia sido destinado à construção dos Cinemas São Luiz, uma vez que o empreendimento não foi implantado, o terreno tornou-se um vazio urbano. Pressionado pelo órgão municipal, o proprietário e cliente de Octávio Meira, loteou o terreno e vendeu os lotes.

Alcyr Meira, então engenheiro, foi responsável pelo projeto urbanístico do loteamento Jardim São Luiz e autor de sete projetos residenciais nele contido: Residência do arquiteto Alcyr Meira, Residência Paulo Meira e Residência Dr. Octávio Meira, os três projetos do ano de 1960; além das residências: Residência Dra. Marina Lemos e Residência do Dr. Carlos Alcantarino, ambas de 1963; e por último a Residência Dr. João Bastos (1964) e Residência Amilton Bentes.

Os quatro lotes frontais foram vendidos para o advogado Octávio Meira e posteriormente divididos em três. Com área farta e localização privilegiada permitiu a

visibilidade recíproca entre as residências e a Av. Nazaré, importante eixo de continuidade da Av. Presidente Vargas (Antiga Av. 15 de Agosto) que, nesse momento, já carregava os traços formais da arquitetura moderna.

Terreno e entorno



Figura 2 – Planta urbana do entorno da Residência do Arquiteto Alcyr Meira.

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA) – 2018.

Localizado na Av. Nazaré, o lote onde está situada a residência possui forma retangular com 14 metros de frente por 23 metros de fundo, com área aproximada de 322m², na esquina dessa avenida com uma das duas vias de acesso ao Jardim São Luiz, um residencial fechado por guaritas e gradis. A edificação possui, portanto, dois acessos: um de pedestre voltado para via principal e um acesso de automóveis que utiliza a via secundária e privada. Imediatamente ao seu lado, as duas residências seguintes possuem mesma altura e tipologia, com configurações formais similares.

No momento da construção das residências, o entorno da edificação tinha como cenário urbano uma via tranquila em uma cidade onde predominavam as casas tradicionais portuguesa, segundo relatado por Alcyr em entrevista².

A topografia do terreno, mais alto que a via e em aclave, permitiu que fosse aproveitado o relevo do terreno para criar níveis diferentes nos pavimentos, incomum para a topografia plana de Belém. A entrada de automóveis, com acesso pela via secundária,

² Entrevista concedida à Laís Viggiano no dia 14 de junho de 2018.

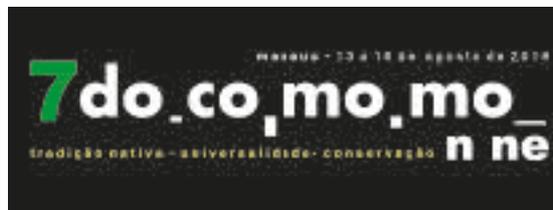
foi escavada para atingir o nível da via e permitir a entrada dos carros. Já a entrada de pedestre, utilizou a cota mais alta proporcionando um jardim elevado com vista privilegiada à avenida que é palco da importante manifestação cultural, o Círio de Nazaré, tradicional na cultura local.

Programa de necessidades e planta arquitetônica

O projeto residencial tinha como fim a utilização pessoal do arquiteto Alcyr Meira e sua família, no momento era constituída pelo casal (Alcyr e Francly Brasil Meira), dois filhos e sua sogra. O uso do relevo do terreno permitiu que a edificação comportasse três níveis: o mais baixo abriga a garagem para quatro carros e um acesso vertical por meio de uma escada de serviço; o pavimento intermediário abriga os setores sociais e de serviço, constituídos por: antessala, lavabo, salas de estar, de televisão e jantar integradas entre si e a um jardim reservado que dá acesso à uma sala de reunião e a um atelier/terraço, copa, cozinha, despensa e lavanderia com área descoberta preservada.



Figure 3 – Plantas baixas com setorização.



Fonte: Acervo pessoal do arquiteto Alcyr Meira.

O pavimento superior é destinado ao setor íntimo, tem acesso por uma escada escultural iluminada por balancins e possui quatro dormitórios. No momento da concepção do projeto, havia uma suíte para o casal e uma para a sogra, um banheiro que servia aos dois quartos para atender aos filhos. Posteriormente foi realizada reforma transformando os dois quartos em suítes. Este último pavimento também divide área com o atelier, um terraço e uma suíte de serviço, apesar de estarem posicionados na mesma cota, cada um é acessado por circulações verticais diferentes, respeitando a setorização proposta.

A disposição dos ambientes em planta revela a configuração da casa moderna amazônica adotada por Alcyr, com ambientes integrados, aplicações de conforto ambiental para o clima local por meio de *brises-soleil* em madeira, larga calha em bronze para captar a água da chuva, elaboração de sistema de captação da vento e iluminação natural, além do emprego de suítes, setorização de ambientes por uso, articulação com jardins e ampla garagem para automóveis.



Figure 4 - Jardim interno visto da sala de estar, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

A estrutura da edificação foi concebida e executada em concreto armado com fechamentos em tijolo cerâmico e telhado escondido em laje coberta com telha em fibrocimento, platibanda e calha central. O fechamento externo é de alvenaria aparente, pintura branca sobre reboco e massa, e revestimento em pedra natural.

A escada escultural da sala revela um forro em madeira vazado que esconde bandeiras com venezianas posicionadas entre este e a laje para estabelecer iluminação e ventilação em um sistema de captação de vento para os dormitórios, o uso de ar-condicionado não era largamente utilizado na década de 1960.



Figure 5 - Escada de acesso ao pavimento íntimo e lavabo ao fundo, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

Acabamentos e revestimentos

As esquadrias da residência são em alumínio anodizado natural e vidros em cristais. As janelas dos quartos voltados para a fachada principal são dotadas de *brises-soleil* em madeira de abertura horizontal por meio de contrapesos.



Figure 6 - Esquadrias e brises-soleil da fachada principal, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

Os acabamentos internos demonstram o cuidado do arquiteto com elementos históricos locais, apesar do projeto arquitetônico ser moderno, seu interior revela a relação do arquiteto com a tradição belenense. O piso das salas é de tábuas largas em madeira, as paredes são revestidas com painéis de azulejos portugueses de demolição ou com painéis em madeira. A escada de ferro externa, que dá acesso ao terraço, pertencia ao antigo edifício da Cervejaria Paraense, demolido para dar lugar ao Jardim Independência.



Figure 7 - Sala de televisão com azulejos de demolição, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

Elementos como luminárias, móveis e painéis possuem estrita relação com a tradição arquitetônica brasileira de origem europeia, causando uma relação dual entre o invólucro estrutural e formal moderno, e os objetos decorativos tradicionais. A exemplo, vários ambientes são dotados de painéis de azulejaria, garimpados durante as regulares demolições ou troca de revestimentos externos das casas tradicionais por pastilhas a fim de absorver ares modernizadores comuns naquela década.



Figure 8 - Vista panorâmica das salas integradas, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

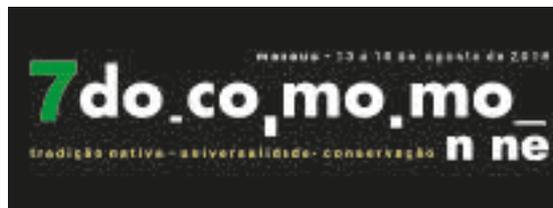
Volumetria

A residência do arquiteto, localizada na esquina de duas vias, possibilita a visualização de duas fachadas. A fachada principal é voltada para a Av. Nazaré, a fachada secundária é voltada para a via privada, tornando a leitura da edificação uniforme. A edificação é inscrita em um volume prismático simples, dotada de ângulos retos e com relação proporcional entre cheios e vazios.



Figure 9 - Fachada principal, 2017.
Fonte: Google street view.

A casa foi implantada com recuo frontal, reservando uma área verde de vegetação orgânica que antecede a varanda. O pavimento superior serve como cobertura a esta varanda e como beiral à grande superfície envidraçada da sala recuada ao alinhamento



superior. O último pavimento é coroado com um pórtico projetado que reproduz a leveza de um apoio em balanço dotado de uma pequena abertura lateral entre a edificação e a estrutura do pilar lateral, esta abertura que se comunica com o vazio da extremidade oposta proporcionado pelo muxarabi utilizado na parede do lavabo voltada para a fachada principal. As fachadas laterais, são compostas por planos contínuos brancos, sem ornamentos e poucas aberturas.

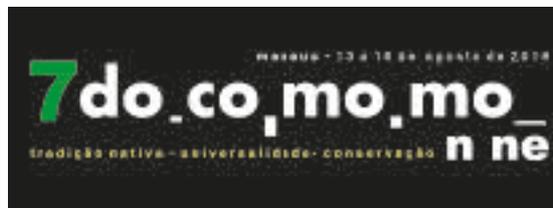


Figure 10 - Fachada frontal e lateral, 2018.
Fonte: Acervo pessoal Laís Viggiano.

PROJETO INSTITUCIONAL – SERPRO (1982)

O prédio destinado a abrigar o Serviço Federal de Processamento de Dados, foi projetado em 1982 e a obra concluída após dois anos. Abriga a empresa pública, ligada ao Ministério da Fazenda, responsável pela prestação de serviços em tecnologia da informação do Brasil. Foi criada durante o governo militar, em 1964, com objetivo de modernizar e dar agilidade a setores estratégicos para administração pública, permitindo maior transparência sobre a receita e gastos público. Administra o banco de dados dos cidadãos, empresas e governo. A sede do SERPRO de Belém é responsável pela gerência regional Norte (SERPRO).

Terreno e entorno



Segundo relatado por Alcyr Meira³, o lote pertencia à prefeitura de Belém e foi doado à União para implantação do SERPRO Regional. No local de implantação havia um acentuado declive que por anos foi utilizado como depósito de lixo urbano, quando este declive foi atenuado, a prefeitura aterrou a área. A sondagem no solo revelou que a composição do subsolo possuía uma camada de lixo de aproximadamente 10m de profundidade, optou-se por estacas profundas.

Programa de necessidades e planta arquitetônica

As condicionantes ambientais e locais faziam parte das primeiras diretrizes que norteavam o programa de necessidades do edifício. A análise de solo, por exemplo, influenciou na escolha da fundação, na estrutura e na implantação do edifício. O arquiteto optou por apoiar o edifício em uma laje suspensa por pequenos pilares, em concreto armado, a fim de distanciar a construção do solo, pois não se sabia como se comportaria o aterro no decorrer do tempo.

A comissão idealizadora do projeto, reuniu-se com o arquiteto para elaborar o programa de necessidades por meio da quantificação de ambientes, atividades e pessoas que o prédio deveria abrigar. A comissão também estabeleceu dois preceitos norteadores do projeto: a possibilidade de expansão e ampliação; e a flexibilização da planta e layout.

³ Entrevista concedida à Laís Viggiano no dia 25 de junho de 2018.

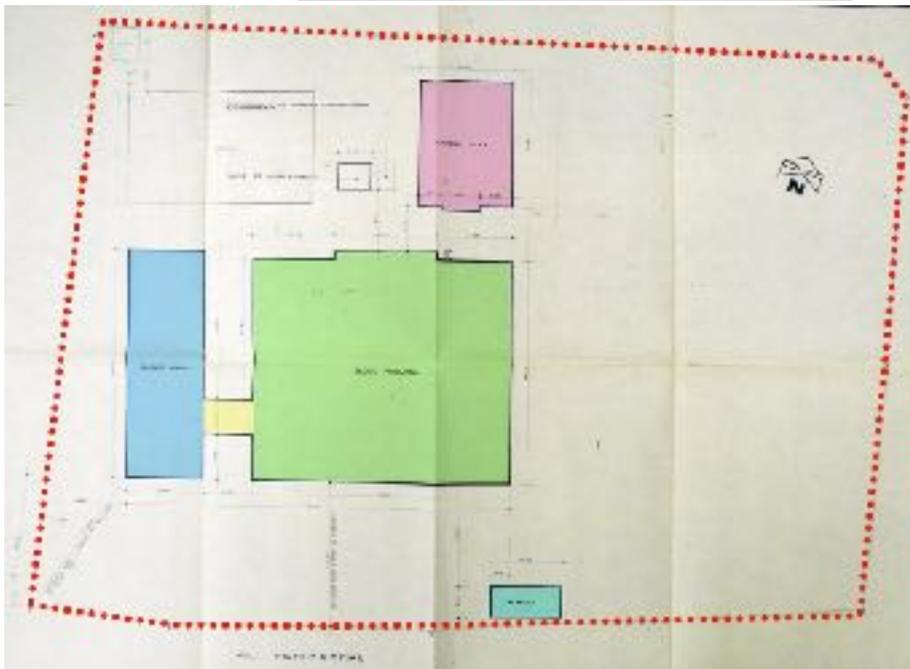


Figure 13 - Planta de implantação dos edifícios, 1982.

Fonte: Arquivo original: Acervo SERPRO. Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA), 2018.

Na planta de implantação é possível identificar cinco demarcações, as quatro coloridas correspondem aos edifícios que compõe o projeto de arquitetura de Alcyr Meira. Sabendo que a linha pontilhada em vermelho simboliza o limite do lote, observa-se a implantação assimétrica dos blocos de edifícios em relação não eixo central do terreno, possibilitando que a área livre pudesse ser utilizada para futuras ampliações e construções.

O projeto arquitetônico era constituído pelo Bloco Principal (verde) e o Bloco Anexo (azul) que se comunicavam por uma circulação (amarelo), o Pórtico (ciano) e, posteriormente em 1984, o Anexo CEF da Caixa Econômica Federal (rosa).

Alcyr Meira optou por utilizar como sistema estrutural o concreto armado com a franca exposição desse material nos elementos estruturais da fachada. As decisões formais, estruturais e projetuais ficavam à cargo do projetista, bem como o dimensionamento dos ambientes necessários para a realização das atividades do órgão.

A cobertura do bloco principal e do bloco anexo foram projetadas com telhas onduladas de fibrocimento que direcionavam a água para grandes calhas em concreto impermeabilizadas orientadas longitudinalmente, tendo suas extremidades finalizadas com rufos (ver imagem da fachada e corte). Meira lançou mão, novamente, do forro ventilado articulado pelas aberturas no vão entre a laje e o forro, explicou que esse sistema permite não apenas o conforto térmico com a circulação do ar quente, como o isolamento acústico nos ruídos da chuva, além de afastar a umidade gerada pela água, do corpo do edifício.

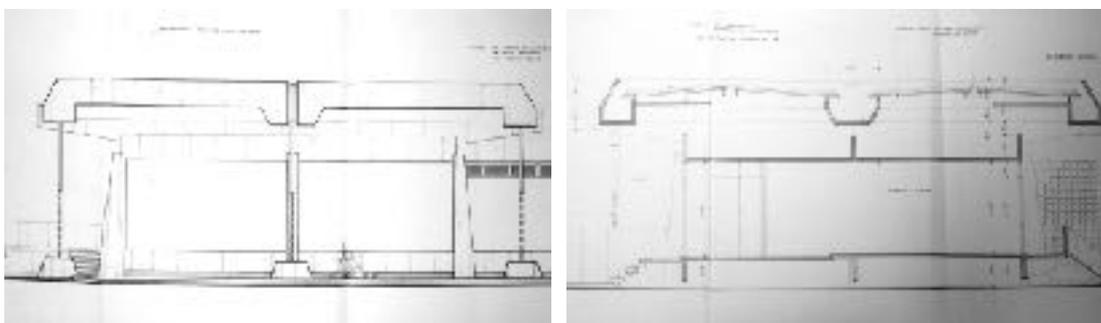


Figure 14 - Detalhe da cobertura na fachada e na seção do bloco anexo, 1982.

Fonte: Arquivo original: Acervo SERPRO. Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA), 2018.

Para atender à exigência da comissão, o arquiteto utilizou grandes vãos livres internos que permitiram paredes internas em divisórias que pudessem ser reposicionadas. O piso foi projetado com placas removíveis para permitir que as instalações elétricas, de dados e de telefonia pudessem acompanhar as reformulações do layout.



Figure 15 - Planta de layout com indicações de pilares e alvenaria, 1982.

Fonte: Arquivo original: Acervo SERPRO. Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA), 2018.

Na planta de layout do térreo é possível observar os pilares (vermelho) e a alvenaria (preto) deste pavimento, todos os ambientes foram delimitados por divisórias removíveis, com exceção dos banheiros (amarelo), a escada (verde) e o almoxarifado (azul), tornando a planta livre e flexível.

Alcyr destacou na entrevista⁴ que a previsão de ampliação do edifício para acompanhar o crescente volume da demanda tecnológica foi refutada, uma vez que o avanço da tecnologia também possibilitou que os aparelhos reduzissem de tamanho mais rapidamente do que eles se multiplicaram.

⁴ Entrevista concedida à Laís Viggiano no dia 25 de junho de 2018.



Volumetria



Figure 16 - Bloco principal e pórtico.

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA), 2018.

Os edifícios que compõem o projeto para o SERPRO são dispostos no terreno com afastamento frontal amplo, onde localiza-se um estacionamento de visitantes. O pórtico, onde funciona a portaria e a subestação, é ladeado por gradis que permitem a visão dos edifícios. Atualmente, o piso da implantação está abaixo da cota da Av. Perimetral, e os edifícios originais apresentam poucas alterações formais externas. Ao conjunto arquitetônico foi somado um auditório e um anexo na área não edificada do projeto original em blocos independentes.



Figure 17 - Fachada frontal do bloco principal.

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFFPA), 2018.

A volumetria do conjunto é lida pela hierarquia dos edifícios, com o bloco principal mais alto com a entrada principal sinalizada por uma escada. Os edifícios interagem sem que haja conflito formal, já que possuem a mesma configuração.

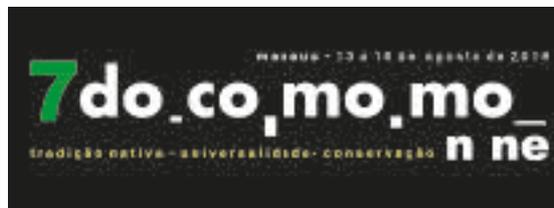


Figure 18 - Pórtico de entrada.

Fonte: Laboratório de Historiografia da Arquitetura e Cultura Arquitetônica (LAHCA-UFPA), 2018.

A volumetria prismática e os ângulos retos ainda são utilizados, entretanto, a cobertura robusta, o uso do concreto aparente, as fachadas envidraçadas e os elementos estruturais ritmados e marcados, traduzem na arquitetura institucional aspirações brutalistas, como aborda Zein (2007):

Algumas características listadas por Baham para reconhecimento do conjunto brutalista estão ligadas à franca exposição dos materiais, à relação entre corte e forma final do edifício, bem como vigas e brises em concreto aparente. Renato Pedio cita a exibição da estrutura predial, valorização de materiais não tratados e simplicidade prismática (ZEIN, 2007 *apud* SOARES; CHAVES, 2018).



CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O estudo vislumbrou a dimensão das relações da arquitetura com seus clientes, arquitetura-Estado e arquitetura-círculos sociais, e como essas relações podem influenciar na trajetória profissional dos engenheiros-arquitetos Camilo Porto de Oliveira e Alcyr Meira. O Estado como incentivador e financiador de obras públicas que destacaram principalmente a atuação de Meira e a nova burguesia da capital paraense desejosa pela modernidade via nas inovações projetuais de Porto de Oliveira a materialidade de sua posição social em suas casas modernas.

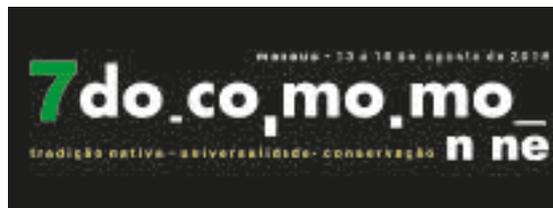
Ademais, a pesquisa pode inferir que as influências projetuais se refletem nas obras pesquisadas como linhas *corbusianas*, de Niemeyer, usos de materiais e técnicas construtivas como o concreto armado e concreto aparente, mais inovadoras e disseminadas na época de 1950 a 1980. Estas influências contribuíram para a criatividade e inventividade dos seus projetos, nos quais mostram traços de personalidade de cada profissional estudado. Tanto Porto, quanto Meira tiveram atuação memorável na difusão das ideias da arquitetura moderna em terras equatoriais e genialidade na adequação ao clima regional.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira: discurso, prática e pensamento**. Série: Estudos. Perspectiva - São Paulo, 2003.

CARVALHO, Bárbara Moraes de. **Arquitetura Pública Moderna: Uma Caracterização entre Tipologia e Lugar na Cidade de Belém**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.



CAVALCANTI, Lauro. **Moderno e Brasileiro: a nova história de uma linguagem na arquitetura (1930-1960)**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2006.

CHAVES, C.; DIAS, R. **Documentação e Análise da Arquitetura Residencial em Belém (1949-1960)**. In: Seminário da arquitetura moderna na Amazônia, 1. Manaus, 2016.

CHAVES, C.; DIAS, R. **Documentação e Estudo da Arquitetura Residencial Moderna em Belém (1940-1970)**. In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. Anais... Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. p. 1-12.

CHAVES, C. **Recepção, particularidades e limites da arquitetura modernista produzida em Belém**. In: Seminário Internacional Brasil-Argentina-México - 4º Encontro de estudos comparados em Arquitetura e Urbanismo nas Américas - A Circulação das ideias na América Latina: o moderno na Arquitetura e Urbanismo. Uberlândia, 2012. v. 01.

_____. **Modernização, inventividade e mimetismo na arquitetura residencial em Belém entre as décadas de 1930 e 1960**. Revista Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, São Paulo, n. 4, p.145-163, fev. 2008. Disponível em: . Acesso em: 14 out. 2017.

_____. **Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización com Lenguajes Cambiantes**. 2004. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universitat Politècnica de Catalunya. Barcelona, 2004.

LIMA, R. A.; CHAVES, C. **Considerações sobre a apropriação do moderno na arquitetura residencial em Belém**. In: Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 3 – Arquiteturas e cidades amazônicas: os sentidos do moderno e os desafios contemporâneos. Belém/PA, 2018.

SERPRO. **Competências**. Disponível em: <www.serpro.gov.br/menu/quem-somos/transparencia1/lei-de-acesso-a-informacao/institucional/competencias> Acesso em: 24 de junho de 2018.



SOARES, L.; CHAVES, C. **Arquitetura Institucional Moderna: Considerações sobre três obras do arquiteto engenheiro Alcyr Meira Entre as décadas de 1960 e 1980 em Belém.** In: Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia, 3 – Arquiteturas e cidades amazônicas: os sentidos do moderno e os desafios contemporâneos. Belém/PA, 2018.